

**pUNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MUNDO DE TRABALHO E MULHERES: AS TRABALHADORAS DA FEIRA
MUNICIPAL DE TEFÉ (2000-2018).**

TEFÉ – AM

2022

MARIA HELENA AMARAL DA ROCHA

**MUNDO DE TRABALHO E MULHERES: AS TRABALHADORAS NA FEIRA
MUNICIPAL DE TEFÉ, NOS ANOS DE 2000 - 2018**

Monografia Orientada pelo Prof. Msc. Luciano Everton Costa Teles, apresentada a Comissão Avaliadora do Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em História.

TEFÉ – AM

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

ROCHA, Maria Helena Amaral da. **MUNDO TRABALHO E MULHERES: AS TRABALHADORAS NA FEIRA MUNICIPAL DE TEFÉ (2000-2018)**. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História.

Universidade do Estado do Amazonas (UEA) Centro de Estudos Superiores de Tefé.

Orientador: Prof. Msc. Luciano Everton Costa Teles

P.35

Palavras Chaves: mulheres na história; interior do Amazonas; sociabilidade.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA HELENA AMARAL DA ROCHA

MUNDO DE TRABALHO E MULHERES: AS TRABALHADORAS NA FEIRA
MUNICIPAL DE TEFÉ (2000-2018).Monografia apresentada para aprovação e obtenção do grau de Licenciado em
História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado
do Amazonas.

Data de Aprovação: __/__/____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles
Universidade do Estado do Amazonas (CEST/UEA)

Membro: Profa. Francisca Cardoso da Silva
Conselho Indigenista Missionário (CIMI-Tefé)

Membro: Prof. Msc. Verônica Lima Fernando
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)

Tefé/AM

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida, também aos meus docentes, pois nessa minha caminhada em busca de conhecimento, as ajudas deles foram cruciais, todas as formas de ensinar, tendo em vista suas diferentes formas, foram de grande significância, pois este leque de conhecimento só acrescentou mais em minha trajetória acadêmica.

Um agradecimento muito especial a professor e orientador Luciano Everton Costa Teles por sua disponibilidade e compreensão, em me ajudar nesse período de conclusão, pelo suporte em pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos, ao professor Tenner por suas dicas, a professora Cristiane, ao professor Yomarlei, ao meu professor e grande amigo Márcio Lopes, e ao professor Alcemir, esse conjunto de educadores, durante esses quatro anos puderam nos ensinar, mostrando o ofício do historiador, que vai para além de livros e pesquisas. Ao meu nobre amigo Miquéias Zuza, que com um potencial maravilhoso, me estingou a continuar na minha árdua caminhada.

Agradeço, a Universidade do Estado do Amazonas-UEA, ao Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST, pelo suporte em que deram durante o período de minha graduação, ao diretor professor Guto, e enfim, agradeço todos que direto e indiretamente me ajudaram nessa minha caminhada em busca de conhecimento.

SUMÁRIO

Introdução	8
.....	
Capítulo 1: História, Mulheres e Mundos do Trabalho	9
.....	
1.1 História Social e Mulheres	9
.....	
1.2 Do espaço privado para o espaço público: as mulheres no mundo do trabalho	12
1.3 Mundos do trabalho no Amazonas: as feiras nos municípios do interior	16
.....	
Capítulo 2: Sociabilidades e relações econômicas na feira de Tefé	20
.....	
2.1 A cidade de Tefé: aspectos econômicos e sociais	20
.....	
2.2 A feira de Tefé: estrutura, organização e trabalho	22
.....	
2.3 Feira, mulheres, trabalho... A reprodução da existência social	28
.....	
Conclusões	32
.....	
Referências	34
.....	
Apêndice	35
.....	

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Mundo de Trabalho e Mulheres: As Trabalhadoras na feira Municipal de Tefé (2000-2018)”, tem como objetivo apresentar a inserção das mulheres no mundo do trabalho e apresentar a vivência de algumas trabalhadoras da feira municipal de Tefé. esta pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda a História, Mulheres e os diversos aspectos de Mundos do Trabalho, contando a inserção de mulheres na história e como ocorreu isto do espaço privado para o espaço público e, também, caracteriza as feiras nos municípios do interior do Amazonas. O segundo capítulo fala sobre sociabilidades e relações econômicas na feira de Tefé, abordando o município quanto seus aspectos econômicos e sociais, bem como a estrutura e organização do trabalho na feira de Tefé e a reprodução da existência social de mulheres na feira.

Palavras-chave: mulheres na história; interior do Amazonas; sociabilidade.

INTRODUÇÃO

Diante de diversos problemas sociais, como a crise econômica no País e a carência de oportunidades, a mulher necessita de meios para ser inserida no mercado de trabalho, dando continuidade na luta pelos seus direitos. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar a inserção das mulheres no chamado mundo de trabalho, a partir da perspectiva de que o mundo foi criado para os homens trabalhar e as mulheres ficarem em casa, levando em conta a questão do patriarcado.

Aqui será analisado o papel das trabalhadoras da feira municipal de Tefé, que é de grande importância para o município. Nos atentaremos para a importância que este local possui como fonte de renda para as mulheres feirantes. Esse tema foi escolhido depois de uma reflexão que realizamos sobre a importância da feira para essas mulheres, e de como a maioria delas tem naquele local a sua única fonte de renda.

Para que se entendesse o fluxo de todas as trabalhadoras da feira, foi feito um recorte cronológico, dos anos 2000 ao ano de 2018. Assim foi realizado uma análise minuciosa, no sentido de acompanhar melhor se houve um crescimento na área na qual elas trabalham, ou se elas abandonaram o local, ou se elas continuam, enfim, ou se suas famílias também ainda usam aquele espaço como fonte de trabalho e renda.

Portanto, esta pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo aborda a história, as mulheres e os diversos aspectos do mundo do trabalho, contando a inserção das mulheres na história e como ocorreu isso do espaço privado para o espaço público e, também, buscamos caracterizar as feiras nos municípios do interior do Amazonas. O segundo capítulo fala sobre as sociabilidades e as relações econômicas na feira de Tefé, abordando o município quanto aos seus aspectos econômicos e sociais, bem como a estrutura e organização do trabalho na feira de Tefé e a reprodução da existência social das mulheres que da feira retiram o seu sustento.

CAPÍTULO 1: HISTÓRIA, MULHERES E MUNDOS DO TRABALHO

1.1 História Social e Mulheres

O trabalho feminino cresce diariamente ao longo dos anos, inspirando mulheres a abrirem seus próprios negócios, fazendo com que estas personagens conquistem seu próprio espaço e busquem a liderança, o reconhecimento, acolhimento e o respeito no mercado de trabalho (RAMOS, 2021). Estas características que visam independência foram adquiridas além da Revolução Feminista, onde diversas mulheres queimaram peças íntimas em praça pública em 1969. Atualmente, as mulheres são inspiradas a fazer parte do contexto da história social, auxiliado nas questões financeiras da família, o que as torna a chefe da casa muitas vezes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (RAPOSO; ASTONI, 2007).

A expressão “história social” foi utilizada até a primeira metade do século XX, ligada a três sentidos diferentes: Entre 1930 e 40 aparecia vinculada a uma abordagem culturalista, com ênfase em costumes e tradições nacionais; no campo político com o avanço das ideias socialistas e com o desenvolvimento de uma história social do trabalho e do movimento socialista e, por último, ligada aos *Annales* (HOBSBAWN, *Apud* CASTRO, 1997).

Desde 1950, a história social é reivindicada por diversos historiadores em sentido mais restrito como abordagem capaz de recortar um campo específico dos problemas a serem formulados à disciplina história. Foi entre as décadas de 1950 e 60 que a história social ganhou tendência a se especializar dentro desta nova postura historiográfica que se tornava hegemônica. Segundo Castro (1997, p. 48): “A história social em sentido restrito surgiria, assim, como abordagem que buscava formular problemas históricos específicos quanto ao comportamento e as relações entre os diversos grupos sociais”.

A partir dos anos 1970, a crise do chamado estruturalismo (braudeliano, marxista ou funcionalista) deu a tônica a pesquisa em história social, já que

segundo Castro, construía-se a ideia de que comportamentos e realidades sociais não se comportavam dentro de modelos pré-estabelecidos. Para a autora, num primeiro momento, houve uma tendência a reforçar a problemática da construção das identidades sociais e das relações das abordagens que privilegiavam as posições sociais e estruturas hierárquicas (1997, p. 50).

Ocorreu, segundo Castro (1997), uma ênfase nos temas ligados a cultura, uma relativa redução de escala de análise e a predominância de perspectivas antropológicas (a autora cita a forte influência de Lévi-Strauss) em relação às tendências sociologizantes. Com Thompson e a sua “história vista debaixo” ocorreu também uma aproximação com a antropologia, destacando a cultura nas análises sobre a ação social presente na obra do autor e ligadas à tradição marxista britânica de história social do trabalho.

Tal postura implicou em profundas reavaliações metodológicas, na medida que a problemática desenvolvida por Thompson ultrapassava a perspectiva do ativismo operário para concentrar-se na compreensão da experiência das pessoas comuns. Ainda Castro (1997) afirma que debates acerca dos métodos e utilização da história oral como técnica, além do intercâmbio com a antropologia, permitiu ampliar os objetos de estudo da história social. Os trabalhos pioneiros sobre história social do trabalho no Brasil e sobre movimento operário foram os primeiros temas desenvolvidos na década de 1960 por sociólogos, o que evidenciava a forte influência dos temas econômicos e sociológicos dentro do universo acadêmico brasileiro.

Para Castro:

temática e teoricamente, a história social em sentido restrito (quase que totalmente escrita por sociólogos) nasceria no Brasil, criativamente sintonizada com as discussões que se desenvolviam em nível internacional. Em torno de Florestan Fernandes, a chamada Escola Sociológica Paulista desenvolveria, entre outros temas, o primeiro conjunto de trabalhos acadêmicos voltado para uma história social do negro e da escravidão. (CASTRO, 1997, p.55)

A partir das décadas de 1970 e 1980, há uma expansão e consolidação dos cursos de pós-graduação fruto do processo de profissionalização da

profissão do historiador no Brasil (CASTRO, 1997). A influência dos historiadores britânicos¹ nos programas de pós-graduação contribuiu para renovar as pesquisas sobre grupos sociais. As investigações e reflexões apontavam naquele período para a consideração de experiências das classes subalternas em suas complexas relações de influência, teias de cultura e poder (GOMES, 2006).

A história social antes de ser um campo definido por uma postura historiográfica, que resulta no alargamento do interesse histórico, construído em oposição às limitações da historiografia tradicional, é acima de tudo uma perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam. A história social é ainda hoje utilizada como forma de demarcar outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional (CASTRO, 1997).

De acordo com Scott, a história das mulheres surge como um campo definitivo de estudos a partir das duas últimas décadas, ou seja, nos anos 70 e 80 do século XX:

Apesar das enormes diferenças nos recursos para elas alocados, em sua representação e em seu lugar no currículo, na posição a ela concedida pelas universidades e pelas associações disciplinares, parece não haver mais dúvida de que a história das mulheres é uma prática estabelecida em muitas partes do mundo (SCOTT, 1992, p. 63)

Uma conquista recente, pois nem sempre foi dessa forma: “da História, muitas vezes a mulher é excluída” (PERROT, 1988, p.185). Ainda com Perrot, o ofício de historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino:

Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. [...] as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História (PERROT, 1988, p.185).

¹ As obras de E. P. Thompson, Eric Hobsbawm possuem uma influência, segundo Gomes, significativa nos Programas de Pós-Graduação referentes à chamada História Social, principalmente no eixo Rio-São Paulo.

Além da questão levantada acima, Perrot (1988) nos chama atenção para outro ponto: as fontes e demais materiais utilizados por esses historiadores são produções de homens que possuem o monopólio dos documentos públicos e privados. Dificultando assim o espaço para a mulher no processo de escrita da história. O que se nota é uma história voltada para o homem branco:

A maior parte das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres como objetos de estudo, sujeito da história. [...], entretanto, desde que na moderna historiografia ocidental, o sujeito tem sido incorporado com muito mais frequência como um homem branco (SCOTT, 1992, p. 77).

Scott fala ainda das “ideias universais” que se criou dentro da escrita da história:

O “Universal” implica uma comparação com o específico ou o particular, homens brancos com outros que não são brancos ou não são homens, homens com mulheres. Mas essas comparações são mais frequentemente estabelecidas e compreendidas como categorias naturais, entendidas separadas, do que com termos relacionais (1992, p. 77).

Nesse sentido, a autora defende que é importante estudar a história das mulheres, pois “significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões sobre o que aconteceu [...] no passado (PERROT, 1992, p. 77).

1.2 Do espaço privado para o espaço público: as mulheres no mundo do trabalho

Diversas mudanças ocorreram ao longo da história, onde mulheres assumiram tarefas que diferem do ambiente familiar e passaram a fazer parte do mercado de trabalho. Em tempos remotos, as mulheres chegaram a ser consideradas incapazes de trabalharem fora de casa, tendo em vista que este era um perfil somente permitido aos homens. Mas antes precisamos entender a evolução do mercado de trabalho, antes de estudar a história da inserção das mulheres nesse mundo (RAMOS, 2021).

De acordo com Zygmunt Bauman (2008), o primeiro uso da palavra “trabalho”, conforme o *Oxford English Dictionary*, tinha como significado o “exercício físico dirigido a suprir as necessidades materiais da comunidade”

(2008, p. 27). Este significado foi registrado em 1776. Um século mais tarde, o termo passou a significar o próprio “corpo de trabalhadores” que participam da produção e posteriormente fazendo-se o vínculo entre os trabalhadores e as associações e sindicatos dentro de uma conotação política. Para Bauman, o emprego da palavra trabalho em língua inglesa traz uma estreita conexão entre o significado atribuído ao trabalho e:

(...) a autoconstituição daqueles que trabalham em uma classe e as políticas baseadas naquela autoconstituição. Em outras palavras o vínculo entre conferir à labuta física o papel de principal fonte de riqueza e bem-estar da sociedade e da auto-afirmação do movimento trabalhista (2008, p. 27).

A partir da chamada Revolução Industrial, conforme ressalta Bauman, começou a surgir uma sociedade distinta na Inglaterra, uma sociedade industrial. Distinta, pois, modificou o campesinato, o vínculo entre a terra, o camponês e o trabalho humano. Essa grande transformação decorrente de uma “nova ordem industrial” separou os trabalhadores dos seus meios de produção:

Sem que essa desconexão acontecesse, haveria pouca chance de que o trabalho pudesse ser mentalmente separado da ‘totalidade’ a que ele ‘por natureza’ pertencia e se condensasse em um objeto autocontido. Na visão pré-industrial da riqueza, a ‘terra’ era tal totalidade (BAUMAN, 2008, p. 28).

Para Vito Giannotti, a Revolução Industrial, ocorrida no final do século XVIII e antes de 1800, marcou a implantação, consolidação e expansão do capitalismo. De início, segundo o autor, e em conformidade ao exposto por Bauman, esse processo se deu na Inglaterra, e depois em outros países. “Suas raízes já existiam há tempos, mas a árvore da indústria nasceu nessa época” (GIANNOTTI, 2007, p. 26).

Giannotti assinala que durante a Revolução Industrial ocorreu uma passagem gradual da manufatura para a indústria. Os produtos que anteriormente eram feitos manualmente ou com a ajuda de máquinas simples, passaram a ser produzidos com uso de máquinas mais sofisticadas, usando outro tipo de energia (carvão, vapor) que não a energia humana apenas. Foram em consequência dessas transformações, de acordo com o autor, sendo introduzidas novas técnicas e novas formas de organização do trabalho. A partir

da generalização do trabalho assalariado ocorreu a introdução de novas formas de exploração e concentração de renda.

A respeito da classe operária, de acordo com Giannotti, podemos afirmar que este grupo começou a existir na Europa entre 1760 e 1780, ou seja, mais ou menos há 250 anos. Tal afirmação nos remete a Thompson (2004, p. 09), no prefácio de sua obra *A Formação da Classe operária*: “A classe operária não surgiu tal como um sol numa hora determinada. Ela estava presente no seu próprio fazer-se”. A formação da classe operária, para Thompson, ocorreu no período entre 1790 e 1830, fato que segundo autor é revelado: “(...) em primeiro lugar, no crescimento da consciência de classe (...). E, em segundo lugar, no crescimento das formas correspondentes de organização política e industrial” (2004, p. 14).

Thompson afirma que classe é um fenômeno histórico, como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados (...) Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (...) nas relações humanas (2004, p.14).

Classe e não classes, conforme assinala Thompson, na medida em que, no plural “classes trabalhadoras” é um termo descritivo tão esclarecedor quanto evasivo. “Reúne vagamente um amontoado de fenômenos descontínuos. Ali estavam alfaiates e acolá tecelões, e juntos constituem as classes trabalhadoras”. O próprio autor acrescenta que o termo “classe operária” era menos utilizado do que classes trabalhadoras. Afirma que *classes trabalhadoras* tem conotação polissêmica que enfatiza grande disparidade em status, conquistas, habilidades e condições entre grupos distintos.

A noção de classe para Thompson, como podemos observar no exposto acima, traz consigo uma relação histórica e, como este afirma, como qualquer relação é algo fluido que escapa à análise ao tentar imobilizar tal conceito. A relação, como ressalta, precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais. “Não podemos ter amor sem amantes”. A ideia, portanto, de classe trabalhadora em sua conotação polissêmica nos auxilia na compreensão da

dinâmica social. A classe, como afirma Thompson, é experiência histórica, seja ela, como já afirmamos, analisada sob o ponto de vista da história política, cultural ou econômica devido a diversidade de experiências que compõe a vida dos trabalhadores.

Por criar forte impacto nas relações sociais, há inúmeros motivos pelos quais a inclusão da mulher no mercado de trabalho deve ser estudada e analisada. Isto porque este é um fator histórico que sugere uma mudança de modelo familiar e cultural, além deste fator estar relacionado com a discriminação de gênero, tanto em relação às diferenciais de salários quanto a postos de trabalho (RAMOS, 2021). Para entender estes fatores, Thompson alerta para o fato de como podemos compreender de que forma um indivíduo veio a ocupar um determinado papel social em determinada organização social:

Se detemos a história num determinado ponto, não há classes, mas, simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações, suas ideias e instituições. **A classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história e, ao final, esta é sua única definição.** [grifo nosso] (THOMPSON, 2004, p. 11-12).

Na ordem econômica internacional, a maioria dos países da América Latina era exportador de produtos primários e importador de manufaturas. Até o início do século XX, o papel da indústria nas economias da região era pequeno (HALL, 2003).

O proletariado Industrial, no sentido dos trabalhadores de fábricas, só começou a aparecer em números significativos no início do século XX, e antes da década de 1930 não possuía posição central na economia brasileira:

No final do século XIX, os negócios urbanos alcançaram proporções significativas em quase toda a América Latina, mas levando em conta a capacidade relativamente alta de importação de muitas economias, esse setor não era usualmente tão desenvolvido quanto na maioria das cidades europeias. Além disso, a posição pouco decisiva de muitos desses negócios na economia limitava o poder político e econômico dos trabalhadores. (HALL, 2003, p. 283).

Já no século XXI, o trabalho feminino ganhou espaço e tornou-se instrumento de grande importância para diminuição das desigualdades, diversidades, transformação social, valorização e para o reforço no

desenvolvimento do local por meio do negócio, assim como também é uma forma de sustentar a família, tornando-se importante para o novo cenário econômico, político e social e, conseqüentemente, ganhando destaque no mercado de trabalho (RAMOS, 2021).

1.3 Mundos do trabalho no Amazonas: as feiras nos municípios do interior

A Amazônia, segundo Pinheiro (2007a), é vista como espaço desumanizado e vazio de cultura, fato atribuído aos primeiros discursos presentes sobre a região desde os primeiros naturalistas que viajaram pela área. O autor destaca que a construção deste discurso, ou ideário em relação à Amazônia, influenciou significativamente a intelectualidade brasileira onde: “Guardamos ainda hoje a marca perversa desse ideário” (PINHEIRO, 2007a, p.12).

A imagem do homem amazônico tendeu sempre a generalidade, homogeneização e simplificações grosseiras. Estas imagens operam, segundo o autor: “(...) o danoso desaparecimento de uma infinidade de processos e de sujeitos históricos que não tiveram associadas aos arquétipos de uma Amazônia percebida como natureza desumanizada” (PINHEIRO, 2007a, p. 1).

Pinheiro (2007a) destaca o estado do Amazonas, onde afirma que a História de Manaus durante o ciclo da Borracha² é analisada pela historiografia local, de maneira a silenciar sobre a presença da classe trabalhadora e, conseqüentemente, não expor o papel destes na dinâmica social da cidade.

As feiras na capital amazonense se solidificaram próximas à orla e aos portos por onde eram escoadas as mercadorias para o abastecimento local e posteriormente próximas as rodovias BR174 e AM 010 (PINTO; MORAES, 2011). Nestas mesmas proximidades, o mercado de Manaus é abastecido principalmente pela ação extrativista, que detém de grande importância em comparação ao sistema de cultivo, favorecida pela ocorrência comum em áreas degradadas (SCHROTH et al., 2004).

² O artigo de Pinheiro tem por objetivo analisar o universo operário em Manaus no período da crise econômica da borracha.

As grandes feiras de Manaus aparecem no ritmo do desenvolvimento econômico da região. Manaus sofreu uma explosão demográfica, de 300 mil habitantes na década de 1970 para 1,5 milhões na década de 1990, como resultado da fundação da Zona Franca de Manaus e toda sua exclusão social, bem como da ausência de políticas públicas eficientes para fixar o homem no interior, tornando ainda mais complexo o abastecimento da capital amazonense (PINTO; MORAES, 2011).

Ao abordar a temática de cidade e trabalho Pinheiro (2007b) utiliza um recorte cronológico que acompanha o processo de modernização urbana e seus impactos na cidade de Manaus entre 1880 e 1920.

Pinheiro (2007b) ao tratar do tema *trabalho* em Manaus faz uma articulação com a temática das cidades. A autora afirma: “A articulação do tema cidade e trabalho enseja reflexões acerca das múltiplas dimensões do universo do trabalho e dos trabalhadores em Manaus, durante o período de expansão da economia de exportação da borracha”. A autora afirma que a mudança estrutural na cidade de Manaus (ocorrida a partir de 1880) deveu-se ao processo de desenvolvimento da produção extrativa da borracha (PINHEIRO, 2007b, p.1).

Pinheiro afirma:

Nossas pesquisas têm buscado acompanhar outras trajetórias ainda pouco exploradas na escrita da História Amazonense. Neste sentido, temos tentado iluminar experiências sociais concretas, do amplo e diversificado contingente de trabalhadores que se formou na cidade durante a República Velha. Trata-se, portanto, de acompanhar a vivência de pessoas comuns que, embora não tenham tido experiências *glamourosas* ou repleta de fascínios na Belle Époque Manauara, foram, todavia, ao lado dos extratores do Látex, os esteios sobre os quais se assentou a sociedade extrativista (PINHEIRO, 2007, p. 61).

Importante essa análise de Pinheiro (2007b), pois a cidade tem sido uma referência constante, enquanto o tema trabalho é pouco mencionado. Entretanto, segundo a autora, nas primeiras décadas da província o discurso dos presidentes apontava a carência de trabalhadores especializados no Amazonas. Nesse sentido: “Recorrendo à prática colonial, tanto os moradores brancos quanto às autoridades coloniais fizeram largo uso da mão-de-obra indígena regional” (PINHEIRO, 2007, p. 6).

Ao analisar as características do trabalho urbano na Manaus da borracha, Pinheiro (2007b) afirma que a concentração de trabalhadores era forte no setor terciário (comércio e serviços), majoritariamente masculina em relação à mão-de-obra e acerca do trabalho fabril afirma que: “(...) pouco se desenvolveu, alocando um número mais restrito de trabalhadores nas empresas de beneficiamento de produtos regionais, como castanha, nas fábricas de gelo e cerveja o ainda nas oficinas gráficas”. (PINHEIRO, 2007, p. 8)”.

Analisando as obras de história regional, observa-se que o elemento humano, que segundo Pinheiro (2007b) dá sentido a experiência urbana, desaparece das narrativas em favor do fator arquitetônico.

Nas palavras de Pinheiro:

Essa rápida inflexão ao mundo do trabalho em Manaus, parte do pressuposto de que o processo de urbanização, se entendido apenas como a dinâmica da construção do que hoje é entendido como o patrimônio arquitetônico é extremamente restritivo e remete para uma narrativa de história urbana desencarada e muito mais afeita a arquitetos que a historiadores. É assim a memória historiográfica construída sobre Manaus. Trata-se essencialmente, do entendimento da história urbana como a narrativa das transformações materiais, da expansão física do sítio urbano, das edificações e dos investimentos em infra-estrutura (...) (2007b, p. 69).

Se ocorreu o silenciamento da presença dos trabalhadores na construção da dinâmica social no espaço da cidade ressaltado por Pinheiro (2007a) e Pinheiro (2007b) ao se referirem aos trabalhadores na região, podemos questionar tal qual Giannotti:

Onde trabalhavam os negros ex-escravos no começo do século XX? A política dos governos do fim do Império e começo da República era a de deixar os negros abandonados à própria sorte (...) As primeiras fábricas só selecionavam para o trabalho imigrantes europeus. Os ex-escravos ficavam com os piores serviços, pequenos biscates ou qualquer coisa que desse um prato de comida para a família (2007, p. 53).

Para pensarmos em trabalho urbano na região amazônica, mas especificamente na área de Manaus, se faz necessário entender o processo de produção da borracha. Nessa perspectiva, Teles faz a seguinte análise:

Na primeira metade do século XIX (meados de 1830 em diante) a borracha presente na Amazônia já era exportada, ainda que em quantidades modestas, para as nações industrializadas. Na chamada “indústria de produtos da borracha” ela era utilizada enquanto matéria-prima para a produção de bens materiais e bens de consumo (2015, p.75).

Teles nos diz que nos princípios do XIX já existia uma movimentação da borracha saindo da Amazônia em direção as ditas nações industrializadas, fato que já contribuía, ainda que de modo tímido, para o aumento da exploração da borracha na Amazônia e, conseqüentemente, da mão-de-obra.

Nesse contexto, podemos perceber que, com a descoberta da borracha na Amazônia, o processo de industrialização cresceu bastante em relação a este produto, Teles ressalta em sua obra que:

Desta forma, no decorrer do século XIX, sobretudo a partir das três últimas décadas, a Amazônia foi incorporada ao mercado mundial articulado. [...] No Amazonas, o processo de expansão econômica trouxe consigo um conjunto de transformações que atingiram sua capital – Manaus. Neste processo de expansão dois elementos foram de profunda importância: a implantação de uma rede de comercialização da borracha e o desenvolvimento de uma infraestrutura necessária para o escoamento do produto (2015, p.76 - 77).

Dito isso, o autor enfatiza ainda:

Com relação ao primeiro elemento. O que interessa destacar é atuação das casas aviadoras. Conhecidas também como “casas receptoras” possuíam uma posição central na cadeia comercial da Amazônia. [...] Neste ponto reside o segundo elemento. A infraestrutura era importante para o escoamento da produção, facilitando a circulação de pessoas e capitais. Como a produção da borracha se dava fora do espaço urbano (nos seringais), a cidade se colocava como ponto de escoamento, daí a necessidade de criar uma gama de atividades econômica ligada á circulação, consumo e serviços (transportes, limpeza pública, água, luz, esgoto) (TELES, 2015, p. 77).

Teles põe em discussão o papel da borracha como um dos fatores que levou ao desenvolvimento de atividades econômicas na capital amazonense. Neste período surge, como explica o autor, a necessidade de Manaus desenvolver sua estrutura, uma vez que a cidade estava recebendo cada vez mais uma grande movimentação de pessoas, que lá chegavam devido ao processo de escoamento da borracha.

Observamos aí o início da vida operaria na cidade de Manaus, nesse sentido Teles afirma que:

Os trabalhadores urbanos em Manaus desenvolvem suas atividades profissionais e garantiram sua sobrevivência no mercado de trabalho acima desenhado. Foi a partir das relações de trabalho estabelecidas e do retorno material daí advindos que os trabalhadores conduziram suas vivências (2015, p.79).

Teles destaca, na citação anterior, que é a partir do desenvolvimento da borracha e sua contribuição para o também desenvolvimento econômico de Manaus que os trabalhadores passam a conduzir sua existência.

Em Manaus, está situada a Zona Franca, que é uma zona industrial brasileira criada para impulsionar o desenvolvimento econômico da região Amazônica Ocidental. Ela é administrada pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), tendo empresas instaladas nessa área que fazem uso de várias isenções fiscais, das quais as principais incluem isenção de IPI, COFINS, PIS, ICMS, impostos de importação entre diversas tarifas e benefícios que as tornam competitivas no mercado interno e externo (PACÍFICO, 2018).

A feira, conhecida hoje como Feira da Manaus Moderna, a feira Coronel Jorge Teixeira nasceu em 1990 após intervenção do poder público em uma feira livre que existia na área, fazendo com que esta se tornasse um local bastante frequentado e importante centro de comercialização de alimentos.

Por ser o principal entreposto entre a capital e as demais cidades do Amazonas, ela é uma das principais feiras que abastece Manaus. Atualmente a capital amazonense abriga cerca de 43 feiras legalizadas, instaladas em diversos bairros da cidade situando-se em locais com atributos econômicos e sociais distintos. O número de permissionários por feira é variável, de doze a quase mil. Cerca de dezoito mil pessoas são beneficiadas com esta feira (PINTO; MORAES, 2011).

CAPÍTULO 2: SOCIABILIDADES E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA DE TEFÉ

2.1 A cidade de Tefé: aspectos econômicos e sociais

O termo “Tefé”, que significa “profundo”, tem origem nheengatu, idioma que já foi mais falado que o português na Amazônia. Tefé também já foi conhecida como Ega, possivelmente em referência a uma freguesia homônima em Portugal. O município foi elevado à categoria de cidade na então Província do Amazonas no dia 15 de junho de 1855, fazendo desta data a oficial do aniversário do município (MAMIRAUÁ, 2021).

O município de Tefé está localizado no estado do Amazonas, situado à margem direita do Lago de Tefé, a 575 km distante de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua área territorial é de 23.692,223 km² que representa 1,5% da área do Estado (IBGE, 2010). O município é um polo regional estratégico do Médio Solimões, fazendo limite com cidades como Alvarães, Maraã, Tapauá, Carauari e Coari. O ciclo hidrológico é regido pelas estações do inverno e verão, caracterizado pelos fenômenos da cheia e seca com maior volume fluvial entre os meses maio a julho (RAMALHO et al., 2009).

Com população estimada de 60.154 pessoas, de acordo com o IBGE (2010), Tefé é a maior cidade em população da região do Médio Solimões. A cidade concentra importantes serviços públicos, procurados pela população rural e por moradores de municípios vizinhos. O comércio é o carro-chefe da economia urbana, com grande presença de lojas varejistas e atacadistas, agências bancárias, hotéis e supermercados (MAMIRAUÁ, 2021). Em 2018, o salário médio mensal era de 1.8 salários-mínimos e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 11.7%. Ainda, neste mesmo ano, o município ocupava as posições 25 de 62 e 4 de 62, quando comparado com os outros municípios do estado (IBGE, 2010).

Uma boa parcela das populações tradicionais do Médio Solimões tem suas atividades voltadas para satisfazer as necessidades do grupo familiar. A renda domiciliar é oriunda da somatória do conjunto de rendimentos das atividades produtivas e de outras, e esses modos na obtenção de renda produzem implicações distintas sobre a estrutura das relações domésticas nas localidades amazônicas, principalmente sobre as relações de produção e consumo dos domicílios (COSTA; COELHO, 2020).

Tefé é uma cidade considerada o centro da sub-região do Triângulo Jutaí/Solimões/Juruá e situa-se à margem direita do Solimões. A cidade surgiu do Ato nº 29, de 14 de novembro de 1930, com uma economia voltada para o extrativismo vegetal, pesca e agricultura, com produção de mandioca, grãos e produtos tropicais (IBGE, 2010).

Caracterizada como uma economia de orientação camponesa, a sócio-economia das populações tradicionais da região do Médio Solimões tem como característica principal sua organização produtiva dentro do próprio grupo doméstico, que é formado a partir de unidades familiares que são ao mesmo tempo de produção e de consumo (LIMA, 2006). Os benefícios sociais, como o Bolsa Família, têm grande importância no meio econômico das comunidades rurais na cidade de Tefé, assim como também influenciam na economia do município. O maior ou menor grau de dependência desses recursos está relacionado com as características da agricultura familiar local ou com a orientação econômica dos grupos familiares por parte das famílias rurais. Isto resulta diretamente no peso das aposentadorias e/ou pensões e bolsas na composição da renda total dos domicílios em relação a outras fontes de ingressos monetários (COSTA; COELHO, 2020).

Tefé é considerada pelos seus moradores, e em outros locais da hileia, como a “terra da castanha”, que é uma planta nativa geralmente explorada de forma extrativa, se constituindo em um dos fulcros multifuncionais de agregação de valores para o benefício social, econômico, ambiental, ético, histórico e cultural da sociedade (DOS SANTOS; VALOIS, 2017).

2.2 A feira de Tefé: estrutura, organização e trabalho

Um dos pontos históricos e culturais de Tefé é a Feira Municipal, que teve seu prédio atual inaugurado em agosto de 2019, um prédio grande com espaço adequado para as trabalhadoras venderem seus produtos. A feira municipal localiza-se no centro de Tefé e foi projetada para ser um estabelecimento de comercialização de hortaliças, verduras, frutas, temperos e outros produtos alimentícios, como farinha de mandioca (SANTOS, 2020). Sendo o segundo maior produtor de farinha de mandioca do estado do Amazonas, Tefé tem cerca

de 122.712 toneladas do produto, de uma produção total de 926.297, segundo dados do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM). Além disso, da produção da mandioca pode ser extraído uma variedade de produtos como a farinha, beiju, tapioca, tucupi, goma (SILVA; SANTANA, 2014).

A produção agrícola do município de Tefé, estado do Amazonas, é vendida na feira do produtor local, um ambiente destinado à comercialização dos produtos cultivados no município. A feira não é sustentada somente pelos produtores locais, tendo como ocupadores também os moradores da cidade que não tem produção agrícola, mas que também vendem produtos na feira (SILVA; SANTANA, 2014). Assim, o espaço da feira abriga vários agricultores, produtores, que juntos movimentam toneladas de alimentos diariamente em seus boxes. Os boxes da feira municipal de Tefé foram concedidos através de processo seletivo, onde as mulheres agricultoras e pescadoras ganharam concessão e têm uma mensalidade para ser paga a cada mês por essa concessão. Esse pagamento torna-se um entrave para as mulheres trabalhadoras por causa de ser considerado caro, uma vez que essas mulheres trabalham com pouco investimento, apenas para manterem a alimentação, o que vestir, o transporte e raras vezes compram eletrodomésticos ou mobília para a sua casa (SANTOS, 2020).

As atividades nas feiras livres são desenvolvidas sem obrigatoriedade de capacitação e experiência, fazendo destes locais favoráveis para inserção inicial no mercado de trabalho, principalmente para mulheres, pois são ideais para mulheres começarem um negócio, através da força de vontade e criatividade de vender (RAMOS, 2021).

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos por apresentar um breve perfil (Apêndice I) de cada mulher que trabalha na Feira Municipal de Tefé, para isso utilizamos as entrevistas com o fim de melhor conhecer cada personagem que faz da feira o seu modo de vida. De antemão, enfatizamos que, há alguns anos, todos os feirantes que atuavam em uma feira com local fixo, foram transferidos para um local improvisado enquanto a nova feira passava por uma reforma. Muitas trabalhadoras reclamaram desse local improvisado,

afirmando que não possuíam estrutura suficiente, além de uma cobertura com problemas.

A fonte oral surge assim como indispensável para elaboração de nossa pesquisa, uma vez que é através da história oral que os grupos geralmente excluídos da escrita da história, como é o caso das mulheres, ganham voz. Joutard corrobora com essa ideia quando afirma que: “a força da história oral, como todos sabem, é dar voz aqueles que normalmente não tem: os esquecidos, os excluídos ou retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os “derrotados” (JOUTARD, 2000, p. 32).

De acordo com Alberti (2000) a história oral é uma metodologia de pesquisa surgida no século XX para se estudar a história contemporânea. No Brasil, Silva nos diz que a última década do século passado foi essencial para a legitimação da história oral na comunidade de historiadores: “entre as iniciativas que contribuíram para esse processo, podem-se destacar a criação da associação Brasileira de História Oral e o lançamento de sua revista, a história Oral” (2016, p.06).

Em sentido metodológico, o professor Silva nos diz que:

A história oral, não custa lembrar, é uma metodologia de produção e análise de registro documentais a partir de situações de entrevistas, conduzidas por pesquisadores individuais ou em grupos, e que perseguem problemas e objetivos de investigação previamente definidos num projeto de pesquisa (2016, p. 06).

Ou seja, antes de embarcarmos para a realização das entrevistas, foi necessário que elaborássemos alguns objetivos que nos servissem como norteador para elaboração de nosso trabalho.

Para Matos “a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas escritos” (MATOS, 2011, p. 98). Neste ponto, a história oral é essencial para a nossa pesquisa, pois é através dela que produzimos os nossos documentos e apresentamos algumas mulheres da feira de Tefé.

Ao longo de nossa pesquisa nos atentamos para alguns aspectos da vida das mulheres como, por exemplo, a quantidade de tempo em que elas trabalham na feira, se essa ocupação foi herdada de alguém, se elas tiveram ajuda ao longo desse período, quais produtos comercializam, sua idade, suas histórias de vida na feira, se já sofreram algum tipo de machismo, etc.

Algo comum a todas as entrevistadas foi o fato de muitas herdarem o trabalho de suas mães, que já realizavam este ofício há um longo tempo, como é o caso de Zilda: “minha mãe é agricultora e feirante, trabalha até hoje nesta profissão” (Zilda, entrevista, 2018). É também o caso da Dorgete: “a minha mãe começou a trabalhar na feira quando eu era criança [...] eu sou a mais nova, eu tinha uns 09 (nove) anos. Eu ajudava ela levando café, mingau [...]”(Dorgete, entrevista, 2018). Gilciane foi no mesmo caminho: “minha mãe já trabalhava aqui já, eu ajudava ela desde criança. Minha mãe vende refeições, ela tinha uma empregada, mas ficou sem ela, e me chamou pra trabalhar com ela, ai deixei meu emprego e fui ajudar minha mãe” (Gilciane, entrevista, 2018). Notamos, desse modo, que as feirantes já fazem do seu ofício algo que se passa de mãe para filha, isso desde que a feira iniciou. “Minha filha vai estudar, mas eu também foi ensinar ela as coisas da feira, pois as vezes a pessoa se forma e não consegue emprego” (Ariadna, entrevista, 2018).

Outro ponto de destaque também é o tempo em que algumas mulheres já trabalham na feira como, por exemplo, a Ariadna que: “trabalho faz 17 anos, comecei aqui desde jovem, né, não tinha outra opção, mas agora eu gosto daqui. Do meu tempo até hoje a feira não mudou muito, teve algumas mudanças, agora eu sou dona do boxe, no início eu alugava, mas agora ficou melhor por isso, mas a venda era melhor no tempo que comecei” (Ariadna, entrevista, 2018). Mesma situação da Joaquina que exerce tal profissão há 29 anos: “praticamente nasci na feira, né, não sei fazer outra coisa, ne, eu gosto daqui. Quando comecei a trabalhar aqui a feira mal existia. Se vendia tudo na beira da rua, tinha que dormir pra guardar um lugar”. Ela também concorda que no início à venda era melhor: “no início era melhor sim, mas esse ano tá mais difícil” (Joaquina, entrevista, 2018). A mais antiga nesta profissão é a Zilda, que trabalha na feira há mais de 40 anos, quando a feira municipal ainda não tinha local fixo, e muitos vendiam seus produtos “de porta em porta”.

Algo recorrente nas entrevistas é, digamos, o trabalho familiar em torno de alguns feirantes: “eu cheguei aqui por influência da minha irmã, mas [...] no início foi bem difícil, mas logo me acostumei, ela me ajudou” (Jhoana, entrevista, 2018). “Boa parte da minha família trabalha aqui, né, a gente ganha a vida assim mesmo, tem uns que são de outros ramos, mas meus primos são da feira também” (Ioneide, entrevista, 2018). “Olha, eu era agricultora, mas vi que podia ser melhor aqui na feira, meu marido era daqui, então ficou mais fácil” (Maria Aparecida, entrevista, 2018). Andriele segue o mesmo caminho “meu padrasto tinha um boxe aqui, minha mãe também trabalhava aqui, tem meus tios também, aí vim pra cá ainda criança e estou até hoje, né, graças a Deus” (Andriele, entrevista, 2018).

Também nos chama atenção a falta da presença masculina no ambiente de trabalho junto as feirantes. “Ele (o marido) não queria que eu trabalhasse aqui, mas eu vim, aqui a gente consegue um dinheiro pra se sustentar” (Joaquina, entrevista, 2018). “Eu sou solteira, crio meus filhos sozinha, é difícil, pois tenho criança de colo e não tenho com quem deixar” (Elkiane, entrevista, 2018). Esse também é o caso de Josefa: “crie meus filhos só, se criaram tudo aí pela feira, graças a deus, hoje são tudo grande” (Josefa, entrevista, 2018). Eu criei meus filhos sozinha, o pai não ajudou, trabalho na feira e com o dinheiro criei meus filhos” (Terezinha, entrevistas, 2018).

Ao longo da entrevista, as trabalhadoras foram questionadas se ao ter uma oportunidade de emprego largariam a feira, a maioria foi enfática em dizer que não deixaria este emprego: “eu amo a feira, eu gosto daqui, não trocaria nem por carteira assinada, aqui eu ganho mais, não tem os direitos, mas o dinheiro é melhor” (Dorgete, Entrevista, 2018). “Eu não gosto de outra coisa não, eu gosto é de ganhar dinheiro todo dia” (Ana Paula, entrevista, 2018). “Eu não saio daqui não, graças a Deus eu tenho meu box, aqui é meu, faço meu horário” (Izemar, entrevista, 2018). Eu só sei fazer isso aqui, não sairia daqui não, tem dias que a venda é pouca, mas dá pra viver, né, só não pode é abandonar o boxe” (Elionaia, entrevista, 2018).

Vemos assim que muitas trabalhadoras preferem o atual emprego, apesar de não possuírem os direitos trabalhistas e tampouco aposentaria remunerada,

muitas mulheres veem na feira uma oportunidade de ser proprietária do próprio negócio: “Eu trabalhei 16 anos do Stylo, pedi as contas porque queria trabalhar sozinha [...] aí soube que tinha uma vaga na feira e estou aqui até hoje” (Terezinha, entrevista, 2018).

Ao longo da conversa, algumas mulheres relataram suas experiências com o machismo. “Olha, isso aí existe, né, tem muito homem que não respeita a gente, fica assobiando, falando palavras que eu não gosto, eu até discutido as vezes, mas não adianta muito, né” (Andriele, entrevista, 2018). “Eu senti isso algumas vezes, diziam que meu lugar não era ali na feira, que era pra mim tá fazendo coisas em casas, mas nunca dei ouvido, hoje eles me respeitam mais, sou antiga aqui na feira” (Josefa, entrevista, 2018). “Eu nunca senti isso não, sempre respeitaram aqui, mas já vi muita gente desrespeitando outras mulheres, mas comigo não acontece não, porque eu sou braba, vou logo pra cima mesmo, não tem dessa não” (Zilda, entrevista, 2018). “Isso existe, é mais é assobio, aquelas piadinhas, mas agora parou mais, eu não ligava muito, aí essas coisas pararam mais” (Jhoana, entrevista, 2018).

Em determinado momento da conversa, as mulheres falaram de sua experiência, em geral, na feira ao longo desses anos. “Olha, eu trabalho aqui porque gosto, mas nem sempre é fácil, muitas vezes eu trazia meus filhos pra cá porque não tinha com quem deixar as crianças, era muito difícil no início, pois não tinha estrutura nenhuma na feira” (Dorgete, entrevista, 2018). As coisas aqui mudaram muito, era tudo complicado, mas hoje, né, graças a Deus, estão melhor, já não me preocupo tanto, meus filhos estão tudo grande, e alguns até trabalham na feira também” (Joaquina, entrevista, 2018). “Eu comecei a pouco tempo aqui, mas está sendo bom, dá pra tirar o sustento da minha família, não tenho do que reclamar não, aqui é bom” (Gilciane, entrevista, 2018).

Foi corriqueiro neste momento o desejo de um local novo para a feira: “espero que fique logo pronto, né, aqui é tudo improvisado, as vezes chove e molha nossos produtos, fica tudo muito difícil assim” (Ana Paula, entrevista, 2018). “Aqui neste local é até bom, mas fica ruim quando chove, tem goteiras e molha tudo, dia desses mesmo molhou. Quero logo que o novo local fique pronto e que lá seja mais melhor” (Terezinha, entrevista, 2018). “O novo local tem que

ficar pronto logo, né, que é pra gente ir tudo para lá, aqui não tem jeito de uma feira, precisamos de um espaço pra trabalhar melhor” (Izemar, entrevista, 2018). “Não acho que aqui seja um bom local para vender nossas mercadorias, quero a nova feira fique pronta logo, acho que lá vai ser melhor” (Maria Aparecida, entrevista, 2018).

Enfim, esta foi uma tentativa de apresentar algumas trabalhadoras da feira municipal de Tefé. Pessoas que, seja pela historiografia, seja pela sociedade, são colocadas à margem da história. Este trabalho buscou resgatar e dar voz a estas mulheres que alimentam, literalmente, boa parte da cidade de Tefé.

2.3 Feira, mulheres, trabalho... A reprodução da existência social

Ganhando cada vez mais espaço na sociedade atual, o trabalho feminino é determinado muitas vezes pelos próprios ideais de que a mulher é e pode ser independente financeiramente e agregando um papel fundamental da manutenção do sustento familiar. Isto faz com que estas busquem uma forma de trabalhar na sociedade, onde a luta das mulheres por melhores condições de vida apareça, sendo um ato antigo. Mas ainda sim, nos dias de hoje o que é mais visível são as mulheres conquistando seu espaço no mundo do trabalho (RAMOS, 2021).

Hobsbawm (2000, p. 15) afirma que esta história operária floresce, na maioria dos países quantitativamente falando, sendo a principal característica desta história ser bastante politizada e estar se transformando em uma área acadêmica. Ao caracterizar esta história operária, Hobsbawm acentua a utilização de novos conceitos emprestados de outras áreas das ciências sociais e afirma:

A história operária é parte da história de certas sociedades que possuem características específicas em comum (...) é um assunto multifacetado, embora os níveis de realidade ou de análise formem um todo: trabalhadores e movimentos, bases e líderes, os níveis socioeconômicos, político, cultural, ideológico e ‘histórico’. (2000, p. 28).

Ressalta ainda Hobsbawm que na atualidade existe um caráter acadêmico acentuado na história operária, fato que podemos confrontar com o resgate da

história operária na Amazônia, realizado por novos historiadores vinculados à Universidade Federal do Amazonas.

O pensamento social sobre a Amazônia, para Pinheiro, foi significativamente influenciado pela tradição do pensamento construído pelos naturalistas e conquistadores da região. Para o autor: “(...) é possível ver as marcas de uma escrita historiográfica regional colonizada, que reforça preconceitos e estereótipos, enquanto silencia sobre tantos outros processos e sujeitos sociais” (2007a, p. 12).

Estes preconceitos surgem principalmente pelo princípio em que as mulheres, muitas vezes, apresentam-se como cuidadoras de seus lares, enquanto os homens têm salários mais altos e trabalham fora, fazendo surgir assim a opção de se tornar feirante, pela questão de necessidade, da falta de oportunidades de trabalho. Entretanto, elas se inseriram neste mercado que faz poucas exigências de qualificação a partir do trabalho árduo. Essas mulheres adaptaram e continuam encontrando inúmeras dificuldades para se manterem economicamente ativas, sem procurar apoio de terceiros que colabore para o crescimento de seu pequeno negócio (RAMOS, 2021).

O trabalho realizado por grande parte do público feminino na Feira Municipal de Tefé é ligado ao artesanato, à oferta de aves e gêneros alimentícios de vários tipos. Grande parte desses produtos são da região, alguns produzidos na própria cidade nas comunidades rurais do entorno ou em municípios vizinhos. São exemplos de produtos tapetes, ou tupé, enfeites, peças de barro etc.) Sobre o comércio de aves, este grupo inclui frango do pé duro - caipira- e pato) e outros animais obtidos pela atividade da caça (paca, anta, porco do mato, entre outros). Além disso, ainda há produtos derivados da mandioca (goma, farinha e tucupi), frutas, verduras, legumes, (açai, jambú, o feijão de corda, sapota, pimenta, cebolinha, etc.). Ainda, Manaus também oferta alguns produtos para a feira, assim como outras regiões do país, como, a uva, a cebola, o repolho, a batata, tomate e outros (MENDES; SUSSUMO, 2014).

A essência das relações de trabalho que permeiam na Feira Municipal de Tefé, principalmente no que diz respeito às condições de trabalho de mulheres vindas das comunidades rurais, estão inseridas não só no ambiente interno da

feira, mas também na produção e no transporte de seus produtos. Assim, existem diversos atores nas comunidades rurais esquecidos, a margem de políticas públicas neste município (MENDES; SUSSUMO, 2014). Assim, as mulheres começam o trabalho cedo, herdado de suas mães e outros familiares, seja no campo, no transporte do produto ou na venda. Elas chegam cedo nas hortas de suas comunidades, tanto para o plantio como para colheita. O mesmo ocorre quando saem de suas comunidades rumo à Feira Municipal, para que os produtos cheguem frescos e atraiam mais olhares da clientela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou discutir alguns aspectos que marcam a presença feminina no mundo do trabalho. Nosso objetivo principal foi trazer para o centro da discussão algumas trabalhadoras que fazem da feira municipal de Tefé seu local de trabalho e, por vezes, de vida.

Este trabalho mostra a grande importância acadêmica e social, principalmente para as mulheres trabalhadoras da feira, como para a sociedade que usufrui do espaço e dos produtos advindos das comunidades rurais. É importante destacar o trabalho da mulher operária, que trabalha no campo, que planta seu produto e se desloca para a zona urbana de Tefé para vender seus produtos, sejam eles hortaliças ou artesanato. Essas mulheres são personagens fundamentais para explicar o mundo do trabalho na Amazônia rural, mesmo que essa seja muitas vezes vista como um personagem sempre colocado como um coadjuvante da história. Papel que só vem a mudar com o fim da hegemonia da história tradicional.

Através de todo o contexto histórico, buscou-se apresentar o cotidiano das feirantes através também de seus relatos, sua história de vida e profissional, sendo possível compreender um pouco da vida de cada uma das trabalhadoras.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, V. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. 5p.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

CASTRO, H. **História Social**. In: Domínios da História: Ensaio de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (org.). Rio de Janeiro, 1997.

COSTA, D. S.; COELHO, A. A. Os benefícios sociais e a socioeconomia de comunidades rurais do município de Tefé, Amazonas. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 31, n. 2, p. 283-312, 2020.

DOS SANTOS, M. N.; VALOIS, A. C. C. Controle de Fungos na Produção e Manejo da Castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa* Humb. & Bonpl.) na Comunidade da Agrovila, Tefé-AM, Brasil. II-Artigos de divulgação científica. **Revista RG Nevs**, v. 3, p. 3, 2017.

GIANNOTTI, V. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Mauad Editora Ltda, 2007.

GOMES, F. G. Conflito social e welfare state: Estado e desenvolvimento social no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 40, p. 201-234, 2006.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org.) UFMG, 2003.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 de março de 2021.

JOUTARD, P. **Desafios a História Oral do Século XXI**. In: ALBERTI, Verena., FERNANDES, Tania Maria., FERREIRA, Moraes Maneta de. (org.). Rio de Janeiro, Editora Fio Cruz, 2000. Disponível em: <http://books.scielo.org/>. Acessado em 16 nov. 2018.

LIMA, D. M. A economia doméstica em Mimirauá. In: ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; e NEVES, Walter (orgs.). Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. São Paulo Annablume, 2006, p. 145-172. INDO, Paula Vanessa de Faria. Geografia e política de assistência social: territórios, escalas e representações cartográficas para políticas públicas. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011.

MAMIRAUÁ. 2021. Disponível em: <https://www.mimiraua.org.br/tefe>. Acesso: 09 de março de 2021.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. De. **História Oral Como Fontes: Problemas e Métodos. História**. Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acessado em 16 nov. 2018.

MENDES, L. O; SUSSUMO, V. P. M. A ESPACIALIDADE DO TRABALHO DOS CAMPONESES DA FEIRA MUNICIPAL DE TEFÉ-AMAZONAS. Anais. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória, ES. 2014.

PACIFICO, K. Zona Franca de Manaus: Aspectos econômicos e tributários. Monografia (Curso de Administração) – Linha de formação específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. 2018.

PERROT, M. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, M. S. D. A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira. **GEPEC, UFSCAR**, v. 23, 2007.

PINTO, M. A. T.; MORAES, A. O. Espaço e economia: Crise e perspectivas no abastecimento em Manaus, Amazonas, Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-14, 2011.

RAMALHO, E. E.; MACEDO, J.; VIEIRA, T. M.; VALSECCHI J.; CALVIMONTES, J.; MARMONTEL, M.; QUEIROZ, H. L. Ciclo hidrológico nos ambientes de várzea da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – médio rio Solimões, período de 1990 a 2008. *Uakari, Tefé*, v.5, n.1, p. 61-87, jun./jul., 2009.

RAMOS, N. T. Empreendedorismo feminino: uma análise do perfil e realidade das mulheres feirantes na feira coberta do produtor " Raimundo Freitas" no município de Benjamin Constant-Amazonas. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (Graduação em Administração). Instituto de Natureza e Cultura (INC), Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Benjamin Constant, AM. 2021.

RAPOSO, K. C. S.; ASTONI, S. A. F. A mulher em dois tempos: a construção do discurso feminino nas revistas dos anos 50 e na atualidade. *Cadernos Camilliani. Revista do Centro Universitário São Camilo, ES*, v. 8, n. 2, p. 36-37, 2007.

SANTOS, R. M. F. Identidades, saberes e territorialidades no mundo do trabalho das pescadoras de camarão da ilha do Tarará–Tefé (Am). Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, AM. 2020.

SCHROTH, G.; DAMOTA, M.S.S.; LOPES, R.; DE FREITAS, A.F. Uso extrativista, manejo e domesticação in situ de uma palmeira daninha, *Astrocaryum aculeatum*, na Amazônia central. **Forest Ecology Management**, Amsterdam, v. 202, p. 161-179, 2004.

SCOTT, J. **História das Mulheres**. In: A Escrita da História: novas perspectiva. Peter Burke (org.). Tradução Magda Lopes. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

SILVA, D. M.; SANTANA, Paola Verri. DA GOMA DE MANDIOCA A FÉCULA INDUSTRIALIZADA NO MUNICÍPIO DE TEFÉ-AM VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Anais. Vitória, ES. 2014.

SILVA, J. C. **História Oral e Interdisciplinaridade na Amazônia**. Manaus: UEA edições, 2016.

TELES, L. E. C. **Mundo do Trabalho e imprensa: a vida operaria em Manaus na década de 1920**. UEA Edições, 2015.

THOMPSON, E. P. Vol. 1 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. **A Formação da Classe Operária Inglesa**.

Perfil das trabalhadoras da Feira Municipal de Tefé

Entrevistada	Perfil
Zilda	Tem 55 anos, trabalha há 40 anos na feira municipal de Tefé. Na época em que a mesma começou a trabalhar, no ano de 1963, a cidade estava sob a administração do prefeito Tulio Azevedo. Tem 05 filhos, todos criados com o dinheiro provido da feira. Ela herdou a profissão da mãe, que até hoje ainda trabalha como feirante. Zilda nos relata que começou a vender produtos de feira aos 07 anos, mas ainda não existia nenhum local específico, sendo obrigada a oferecer seus produtos de forma ambulante.
Dorgete	Herdou a profissão da mãe, que vendia café na feira. Começou a trabalhar ainda jovem como ajudante. Ainda não existe um prédio da feira, tinha que dormir na beira da rua para assegurar um espaço para venda. Com tempo os feirantes foram transferidos para onde hoje é a praça remanso do boto, em seguida passaram a trabalhar no mercado municipal. Casou aos 14 anos, a partir daí não parou mais de trabalhar na feira. Hoje todos os seus filhos também trabalham neste ambiente.
Josefa do Carmo Ferreira	Trabalha há aproximadamente 38 anos na feira municipal de Tefé. Tem 52 anos. Sua única renda vem seu trabalho enquanto feirante. Tem 04 filhos. Nunca pensou em mudar de profissão: "este foi o dom que Deus me deu". Criou todos os filhos graças a este trabalho "praticamente cresceram na feira".
Joaquina	Tem 56 anos, há 29 anos trabalha como feirante, na época em que começou, Tefé era administrada pelo prefeito Inácio. Sua única renda é esta. Teve 06 (seis) filhos, mas 01 (um) já é falecido.
Jhoana	Tem 19 anos, trabalha na feira desde os 09 (nove) anos. Começou por influência da irmã. Seu sustento vem apenas desta ocupação. Ensino médio completo. Vende frutas e verduras. Sem filhos.
Ioneide	Tem 40 anos. Trabalha desde criança na feira. Vende verduras. Tem 06 filhos, todos criados com a renda da feira.
Maria Aparecida	40 anos. Trabalha há 13 anos. Vende apenas banana. Tem 06 filhos. Antes era agricultora.
Vitoria	18 anos. Trabalha há 07 anos. Vende frutas e verduras. Cursa o ensino médio, sonha em fazer faculdade.
Ariadna	44 anos. Trabalha há 17 anos. Vende comida. Tem 06 filhos. Pagou a estadia dos filhos em outra cidade para fazerem faculdades com o dinheiro vindo da feira.
Elkiane	Tem 33 anos. Trabalha há 02 anos. A feira é seu único meio de sustento. Vende verdura. É solteira. Tem 04 filhos. Era agricultora.
Terezinha	Tem 49 anos. Trabalha há 8 anos na feira, vende comidas. Tem 04 filhos.
Izemar	Tem 47 anos. Trabalha há 12 anos na feira municipal de Tefé. Vende ervas medicinais, artesanatos e vassouras.
Gleizia	Trabalha há 12 anos na feira, tem 35 anos. Vende hortifrúti. Começou a trabalhar com a mãe. A feira não é seu único meio de sustento. Tem 03 filhos. É casada.
Gilciane	29 anos, trabalha há 03 anos neste ramo. Chegou neste emprego por intermédio da sua mãe. Vende refeições. Tem 01 filho.
Elionaia	38 anos de idade. Vende frutas, verduras e estivas, trabalha há 08 anos. 03 filhos. Veio de Manaus
Andrielle	Tem 23 anos, trabalha há 13 anos na feira. Chegou na feira através de seu padrasto. Vende verduras.
Ana Paula	26 anos de idade, trabalha na feira desde criança. É casada, mas o marido não ajuda na feira.